

A relação entre o *universal* e o que é *por natureza* em Aristóteles

Igor Mota Morici (Bolsista do PAD/PROGRAD / UFMG)

Orientador: Fernando Rey Puente

I - Apresentação

Inicialmente, gostaria de deixar claro que o presente texto é fruto de uma primeira tentativa de formulação do problema do qual tratarei. Isso significa que este texto é limitado e que, possivelmente, tem falhas. Ademais, o pouco conhecimento que temos de Aristóteles não nos permite ir muito longe em interpretações neste momento. Dadas essas preliminares, prossigamos com nosso propósito.

O texto consiste em duas partes: a primeira é a formulação do problema propriamente dito; e a segunda é uma primeira inserção na investigação do problema.

II - Posição do problema

Ao apresentar um elenco de aporias com as quais a Filosofia deve lidar no livro III da obra *Metafísica*, Aristóteles pergunta se os princípios primeiros são universais ou particulares¹. A questão do Estagirita, de pronto, remete-nos claramente a um par conceitual acerca das coisas, a saber, o que é universal e o que é particular. Uma das etapas de nosso estudo consiste justamente em delinear o conceito de universal presente no livro VII da *Metafísica*. Contudo, para a presente discussão, basta-nos pensar o universal enquanto um "todos", isto é, algo tomado na totalidade de sua extensão, e o particular, portanto, enquanto um singular. Tendo em mente esse par conceitual, Aristóteles nos diz que a coisa concreta particular, enquanto um composto de matéria e forma, dada a sua singularidade, não é passível de definição. A definição, que é uma abstração da forma do composto pelo pensamento, é universal. Tal formulação já esboça uma proporção inversa² que há, em Aristóteles, entre o universal e o particular. A propósito disso, dirá o Estagirita:

"*deste círculo [aqui], isto é, um dos círculos particulares, seja inteligível ou sensível (por círculos inteligíveis*



"acidente" lingüístico. Mas é algo propiciado pelas coisas mesmas. Teria, então, o universal, uma dimensão metafísica e não estritamente lógica. E aqui, retomando o ponto em que paramos em relação ao universal, cabe-nos perguntar: até que ponto é pertinente conferir uma certa "isto-idade" ao universal sem, no entanto, incorrer na separação ontológica deste?

Deparamo-nos com comentadores que sustentam ser possível um "universal *tode ti*" (i.e. "completamente determinado")⁷ em Aristóteles. O propósito de nosso estudo é averiguar a plausibilidade dessa hipótese a partir do livro VII da *Metafísica* de Aristóteles.

A palavra grega *katholou*, que designa "universal" dá-nos ela mesma uma sugestão do que é o universal. A palavra pode ser decomposta em duas outras, a saber, *kata* e *holon*⁸, que, literalmente, é "segundo o todo/inteiro" Definição literal dada pela etimologia da palavra que nos insere na breve exposição que se segue, cujo intento é uma primeira abordagem do tema a que nos propomos investigar sem, claro, esgotá-lo, mas sim colocá-lo em movimento a partir deste primeiro passo.

III - Inteiro⁹

*"O todo sem a parte não é todo,
A parte sem o todo não é parte,
Mas se a parte o faz todo, sendo parte,
Não se diga, que é parte, sendo todo."
(Gregório de Matos)*

Como é sabido, o livro V da *Metafísica* é um léxico filosófico. O capítulo 26, que é doravante nosso objeto de estudo, define o termo *inteiro* [*holon*].

Pretendemos, em nossa breve análise, apontar para relações entre o *inteiro* e o termo *por natureza*. Há dois momentos desse capítulo nos quais ocorrem o termo *por natureza* [*physei*], que são 1023b 27 e 1023b 35. Interessa-nos, pois, explorar com maior proximidade o contexto conceitual que reveste a ocorrência desse termo, a partir de conceitos que aparecem nesse mesmo livro.

O Estagirita inicia o capítulo afirmando que "um inteiro significa aquilo a que não falta nenhuma das partes de que se diz que o constituem *por natureza*"¹⁰ Essa definição poderia ser ilustrada pela imagem de uma esfera de bronze, uma vez que a esfera é um todo cujas partes não são



à primeira delas, pensamos, solidifica nossa leitura acerca da definição primeira de *inteiro*, estabelecendo assim uma relação formal (i.e. de *forma* na acepção aristotélica do termo) entre *inteiro* [*holon*] e *por natureza* [*physei*]. A relação é formal na medida em que um inteiro o é, naquele primeiro sentido, em conformidade com sua essência, com aquilo que lhe imprime, digamos, sua inteireza, isto é, sua forma.

Bibliografia

Fontes primárias:

ARISTOTLE. *Metaphysics*. In: *The works of Aristotle*. Vol. I. Translated by W. D. Ross. Chicago: Encyclopaedia Britannica, 1952.

ARISTÓTELES. *Metafísica*. Tradução de Leonel Vallandro. Porto Alegre: Editora Globo, 1969.

Fontes secundárias:

GILL, Mary L. *Aristotle on Substance: the paradox of unity*. Princeton: Princeton University Press, 1989.

LEAR, Jonathan. *Aristóteles. El deseo de comprender*. Versión española de Pilar de Castrillo Criado. Madrid: Alianza Universidad, 1994.

ROSS, W. D. *Aristotle's Metaphysics*. Vol. I. London: Oxford university press, 1948.

NOTAS

¹ *Met.* III, 1003a 5 ss.

² Analogamente, essa proporção inversa aparece no processo cognitivo descrito pelo Estagirita no capítulo 1, do livro primeiro da *Metafísica* (980a ss.).

³ *Met.* VII, 1036a 1-9.

⁴ Traduzimos assim o termo usado por W. David Ross que é "*thisness*" (cf. *Met.* VII, 1030a 6).

⁵ Leonel Vallandro traduz "this" por "concretamente determinado" em sua tradução do inglês da *Metafísica* (tradução do inglês de W. D. Ross).

⁶ *Política* I, 1253a 3-4.

⁷ Cf. artigo de Marc Cohen, "Aristotle's *Metaphysics*", em *Stanford Encyclopedia of Philosophy*, sitiada na Internet, no endereço: <http://plato.stanford.edu/entries/aristotle-metaphysics/>.

⁸ O termo grego *holon* pode ser traduzido tanto por “todo” como por “inteiro” No item III deste texto, optamos pela segunda tradução.

⁹ Cf. *Met.* V, capítulo 26.

¹⁰ *Met.* V, 1023b 26-27. O grifo é nosso.

¹¹ *Met.* V, 1023b 22-24.

¹² *Met.* V, 1021b 12-13.

¹³ *Met.* V, 1015a 33.

¹⁴ *Met.* V, 1023b 27-29.

¹⁵ Cf. *Met.* V, 1016a 4.

¹⁶ *Met.* V, 1016a 6-7.